

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

EIXO: HíbridaçãO

Pensar *sobre* rastros

IGOR GUATELLI
Prof. Dr. FAU-UPM

Rua João Moura, 870, Pinheiros, São Paulo cep:05412-002
igorguat@uol.com.br

Resumo

Este texto aborda as possibilidades de des-limitação da Arquitetura e os possíveis processos de mediação e amálgama com a Cidade. Parte da premissa da importância de micro-políticas urbanas que se formam e se desfazem a partir de rastros, o “quase” ausente capaz de produzir diferenças pela mistura, pelo contágio e pelo movimento, e que parecem nos mostrar que tão importante quanto a proxemia [relações de proximidade e fusão] seja a diastemia, relações baseadas no contato, trocas e contaminações pela irradiação, em diferentes graus de intensidade.

Aqui, o rastro como uma condição frágil necessária para o surgimento da alteridade. O “além-do-ser” que surge proveniente daquilo que parece sempre não mais estar lá, seja como uma presença *quase* ausente [desativada], “invisível”, ou como movimento de contaminação suplementar [superação daquilo que parece ser da “natureza” ou próprio de algo] do objeto e/ou territorial, a hibridização. A partir de um projeto de Zaha Hadid em Viena, pretende-se discutir de que maneira a Arquitetura poderia incorporar essa questão no fazer projetual.

Palavras-chave: Diferir / Suplemento / Ser-com

Eixo: Hibridização

Abstract

This paper addresses the possibilities of de-limitation of Architecture and the possible processes of amalgamation with the City. Part of the premise of the importance of micro-urban policies which are formed and is disposed from the tracks, the “almost” absent capable to produce differences by mixing, by contagion and by the movement, and they seem to show that as important as concentration [relations of proximity and fusion] is the distance, relations based on contact, exchange and contamination by irradiation, which can be given in different degrees of intensity.

Here the trail as fragile condition necessary for the emergence of alterity. The “beyond of being” that arises from what seems to always be there no more, as a presence is almost absent [disabled], “invisible”, or as additional movement of contamination [overcoming what seems to be the “nature” itself or more appropriate of something] of the object and / or local, the hybridization. From a project of Zaha Hadid in Vienna, we intend to discuss how the architecture could incorporate this issue in doing design.

Keywords: Differ / Supplement / Be-with

Axis: Hybridization

Resumen

Este documento aborda las posibilidades de de-limitación de la Arquitectura y el posible proceso de cambio y fusión con la ciudad. Parte de la premisa de la importancia de las micro-políticas urbanas que se forman y se eliminan de los rastros [la "casi" ausencia], capaces de producir diferencias por la mezcla, por contagio y por el movimiento, y que parecen demostrar que tan importante como la proxemia [las relaciones de proximidad y de fusión] es la diastemia, es decir, relaciones basadas en la comunicación, el intercambio y la contaminación por radiación, que puede darse en diferentes grados de intensidad. Aquí, lo rastro como la frágil condición necesaria para el surgimiento de la alteridad. El "más allá-do-ser" que surge de lo que parece siempre estar ahí no más, como una presencia es prácticamente inexistente [fuera], "invisibles", o como movimiento adicional de la contaminación [superar lo que parece ser la "naturaleza" sí mismo o propio de algo] del objeto y / o local, la hibridación. De un proyecto de Zaha Hadid en Viena para discutir cómo es la arquitectura podría incorporar este tema en la toma de diseño.

Palabras-llave : Difieren / Suplemento / Ser-con

Eje: Hibridación

Pensar *sobre* rastros

O espaço público, do público, é o espaço da permanente *publicação*, de um colocar-se infinito, de um ser-com e um eterno ser-em-si-mesmo em processo -ao contrário de um ser-para-si-mesmo - de interminabilidade fecunda, do *etcetera*. De que maneira esse espaço da condição expectante, ao mesmo tempo um espaço da constituição incondicional e da alteridade, encontraria na arquitetura edificada um aliado na defesa dessa cláusula da inconclusão, da abertura ao outro, das vibrações sem fim dos sentidos dados e do estabelecido?

É impossível não considerarmos a arquitetura edificada a partir de sua inexorável presença; faz parte do ser-no-mundo da Arquitetura a ação de colocar-se em presença do público. Porém, tal condição histórica não nos impede de pensar e questionar essa razão de ser da Arquitetura e como essa ação de *colocar-se* poderia se dar.

A vida metropolitana é movimento, parte constituinte de sistemas complexos urbanos que exigem novas formas de investigação projetual. Em vez das “narrativas”, encadeamentos e ordenamentos espaciais da cidade tradicional ou da desejada cidade moderna, o espaço metropolitano atual configura-se como justaposição de partes; o território passa a ser um jogo de tensões entre situações e as relações de força, de atração e repulsão que se estabelecem entre elas. Contudo, na contra-mão dessa dinâmica, vivenciamos um momento onde a razão de ser da Arquitetura parece basear-se *quase* exclusivamente em um exercício de hipertrofia do olho, da busca por uma acentuada presença e uma *espetacularização* formal, de um ser-para-si-mesmo, sem quaisquer vínculos com situações existentes.

Em que sentido poderíamos pensar a Arquitetura a partir de um *colocar-se para* e não um ser-para-si-mesmo, um suporte de incremento infra-estrutural, ao mesmo tempo ausente e presente? Um ser até certo ponto frágil como condição para um vir a ser baseado não em um ser-para-si-mesmo ao tornar-se pública, mas um ser-com [noção a partir do conceito de *Mitdasein* de Heidegger], um ser que se constrói, se constitui e se fortalece a partir de costuras, de alinhavamentos e articulações com um além de si próprio, um processo de colocar-se em público como um ser presente - mas não auto-suficiente – reduzido em seu sentido e frágil o suficiente para se por com, compor-se não como um ente ideal ou idealizado, a-temporal e acima do público, mas a ser fortalecido, em sua razão de ser, pelo público, ou seja, a cidade e seus habitantes.

Poderia, então, a Arquitetura do edifício ser pensada como rastro, nem ausência nem presença absolutas, mas um querer-ser, ou, na expressão de Heidegger, um ser-aí [*dasein*] capaz de ligar-se, de compor-se e conectar-se com, em um processo produtivo de encadeamentos espaciais, um devir-espaço, um espaçamento? Como a alteridade, o outro que sempre emerge para-além-

do-ser e do próprio do ser, seria possível pensarmos Arquitetura do edifício a partir do rastro, de um querer-ser-algo além dela própria ?

Uma arquitetura pensada como um meio de fortalecimento e enriquecimento de um ser-passado, nem absolutamente ausente nem absolutamente presente e que, ao assumir o caráter conflituoso do próprio processo de com-posição, de se por e se posicionar com o outro, possibilitaria a emergência de novos sentidos e da alteridade quando ligada, mais que isso, hibridizada, deformada, amalgamada, *quase* fundida a algo além dela própria, além-de-si-mesma.

Uma arquitetura que se deixaria contaminar em sua totalidade expressiva ao fundir-se com outros rastros, com marcas e inscrições além dela própria. A prática do amálgama enquanto proximidade do próximo, *aproximação*, a dissolução de fronteiras entre o *próprio* e o *próximo*, entre Arquitetura e Cidade, o borramento dos limites formais do edifício em seu processo de se por com - com-por-se – algo além dele próprio torna-se a premissa de análise de um projeto de Zaha Hadid.

Sobre rastros e de-formações¹ – um projeto de Zaha Hadid em Viena

Situado ao norte a cidade de Viena, implantado sobre uma estação de metrô *spittelau* e um viaduto [projeto do arquiteto vienense Otto Wagner²] de um ramal férreo desativado, hoje transformado em uma ciclovia [que por sinal, prolonga-se ao longo de um canal do rio Danúbio que atravessa a cidade], o conjunto de três blocos de apartamentos [fig 1], finalizado em 2008, inicialmente previsto para ser habitação social, destina-se agora à habitação para estudantes, provavelmente por estar ao lado de um campus universitário, a Universidade de Economia e Administração de Negócios [fig 2]. Sob os arcos do antigo viaduto, a previsão de um restaurante, lojas e bicicletário.

—
1
2
p/



Fig 1
Vista do conjunto projetado por Hadid sobre o viaduto spitellau, desenhado por Otto Wagner
Foto do autor

Fig 2
Vista aérea com os blocos habitacionais projetados por Hadid ao centro, junto ao canal, a estação de trem spittelau ao norte e a universidade a oeste. Nota-se a antiga linha férrea, hoje uma ciclovia, partindo da estação de trem, passando pelo projeto de Hadid e estendendo-se ao sul em direção ao centro da cidade.

Sobre um rastro urbano, uma “quase” ausência, uma inscrição territorial “quase” apagada, Hadid insere inscrições que reforçam e re-significam o “rastro”. Seu projeto abre a possibilidade de um incremento mútuo por intermédio de uma troca a ser construída entre o “rastro” e a “inscrição”; fundamentalmente a idéia de um ser-com, um ser que se fortalece ao se constituir com presenças além dele próprio. O projeto de Hadid, apesar da presença visual, não é um ser-em-si-mesmo, nem tampouco uma simples sobreposição em relação aquilo que “quase” não mais está lá.

Associações entre aquilo que chega e aquilo que já está lá são comuns na história da Arquitetura. Entretanto, o que chama atenção nesse projeto é a maneira como a arquiteta estabelece uma articulação entre o que chega, a adição, e o “rastro” existente. [fig 3]



Fig 3
Foto do autor

Restituído em sua potência de linha conectora territorial, o antigo ramal férreo, re-significado ao se transformar em uma ciclovia é articulado com algo que não parecia ser necessário para sua reativação e re-funcionalização. Entretanto, um abalo radical parece só poder provir de um certo *fora*, de algo que vem de fora, não para completar, confirmar, consolidar ou para romper, mas para desajustar o sentido dado.

O projeto de Hadid insere-se como uma adição suplementar [o *parergon*³], uma inscrição desnecessária porque não apenas complementar. Não parece ter sido criado para suprir uma carência, mas para alterar a dinâmica de um território.

Já cumprindo, novamente, um papel de alinhavo territorial, o viaduto, evidentemente, não seria “complementado” por um programa habitacional. O viaduto, o objeto paradigmático [estigmatizado?] e potencializado em seu “ser”, uma linha urbana, adquire a possibilidade de um vir-a-ser nesse momento do território no qual uma inscrição suplementar, não-necessária, chega, interfere e deforma esse “ser” existente.

O “viaduto *spittelau*” carrega em seu nome, seu título, sua própria condição histórica, estando preso a uma convenção, uma estrutura representacional de uma linha territorial baseada no deslocamento e ligação; uma marca sobre um território, marcado por uma “identidade” ao ser identificado como linha infra-estrutural.

Porém, em que medida aquilo que chega, o “fora da obra”, estranho à própria obra, seria capaz de alterar a condição do que parece ser *próprio* dessa obra? Ou seja, o jogo “suplementar” poderia ser uma estratégia de desestabilização do “ser” da obra ao provocar desvios não previstos [contingências], além do previsto, na obra ?

Nesse projeto habitacional, Hadid cria três grandes blocos de apartamentos sobre pilotis, de geometria irregular, apoiados em uma estrutura própria [talvez um *para-site*, mas não um parasita], independente da estrutura do viaduto. Localizado junto a um canal do rio Danúbio, o conjunto articula-se com o rio através de um sistema de *decks* em dois níveis; um, maior, como um terraço junto aos arcos do viaduto e outro inferior, na cota de entrada do metrô [figs 4 e 5].

³ A partir de uma visão Derridiana, e não Kantiana, *parergon*, derivado do termo *parerga*, de Kant, seria tudo aquilo que não é nem obra, nem fora da obra, metade-obra, metade fora-da-obra. O *parergon*, para Derrida, poderia ser entendido como um suplemento, aquilo que parece ser além do necessário, mas capaz de fundir-se ao marco, ao *ergon*.



Fig 4
Vista desde o canal mostrando os três blocos com os decks inferior e superior
Vazios e aberturas entre os blocos permitem a visualização do viaduto
Fonte: www.checkonsite.com

Um grande conjunto tectônico, de formas irregulares, fraturadas, tortuosas e aparentemente instáveis, envolve o antigo viaduto. Como mencionado, sob o viaduto, a previsão de lojas, um restaurante e um bicicletário além de uma casa noturna no subsolo, junto à estação de metrô. Recém-inaugurado, parece não ser difícil imaginarmos como poderá ser a dinâmica desse local quando os estudantes passarem a habi(li)tar o local, quando iniciarem o processo de habilitação desse *patchwork* urbano.

Que potência territorial urbana poderá haver nesta combinação entre o espaço urbano físico, os moradores estudantes e os transeuntes urbanos? Há a perspectiva aqui, de um território que deixa de constituir-se como um conjunto físico inerte composto por uma estrutura estacionária de edifícios, ruas, usos, infra-estruturas para constituir-se em um suporte em permanente interação com as pessoas, um “micro-ecossistema” onde interatuam fluxos de energia e de materiais; perturbações e interferências territoriais que potencializam o surgimento de configurações espaciais efêmeras [espaçamento], paisagens móveis e ritmos temporais – o tempo dado pela ciclovia e pelo metrô, o tempo do morar, o tempo do lazer diurno e noturno.

O programa adicional inscrito parece fortalecer tal situação ao trazer outras possibilidades de existência para as três linhas infra-estruturais urbanas: o viaduto por onde passa a ciclovia, o metrô e o rio. Residências, comércio, bicicletário e essas “linhas de força” infra-estruturais passam a fazer parte de uma nova condição espaço-temporal desse local, um conjunto urbano que parece não mais ser possível de ser visto como uma somatória ou justaposição de situações, ou como uma diferença entre aquilo que estava lá, a obra, a existência [o viaduto], e o que chega, o fora-da-obra, o além da existência [o conjunto residencial]

Infra-estruturas e supra-estruturas passam a funcionar como um sistema indissociável; pontos e linhas amalgamam-se na possibilidade de estruturação de uma outra relação espaço-tempo daquele território. Sobre um território do deslocamento, da passagem e da ligação, anuncia-se um território da tessitura, da costura, da articulação, da permanência. [fig 6]



Fig 5
Deck inferior de acesso ao metrô
Foto do autor



Fig 6
Foto do autor

Nem as três linhas infra-estruturais são mantidas como “rastros” urbanos, marcas apagadas em sua existência paradigmática baseada *apenas* no deslocamento e na fluidez, nem a supra-estrutura, os três blocos habitacionais, é condenada a uma existência em-si-mesma ou complementar. Viaduto, metrô e rio, normalmente, e por diferentes motivos, espectros urbanos [presenças pouco consideradas], conjuntamente à habitação, comércio e bicicletário perfazem um sistema urbano fundamental para a formação e advento de outras situações, contingentes, naquele território.

Diz Derrida⁴ sobre o *Parergon*,

“sempre uma forma sobre um fundo, o *parergon*, entretanto, é uma forma que tem por determinação tradicional não se destacar, mas desaparecer, fundir-se, borrar-se, fundir-se no momento que despreza sua grande energia. O marco não é, em nenhum caso, um fundo como podem ser o meio e a obra, mas sua espessura de margem não é, tampouco, uma figura. Ao menos é uma figura que se retira por si mesma” (pg72).

⁴ DERRIDA, Jacques. *La verdad em pintura*, Barcelona, ed Paidós, 2001

O projeto de Hadid, uma supra-estrutura, um marco, com limites que poderiam apenas sobrepor-se como uma excitante e expressiva figura sobre um fundo *quase* ausente, perde nitidez ao contaminar-se e fundir-se com um rastro, o viaduto *spittelau*, além de contribuir para uma formação suplementar deste –*superação* - seja em relação à sua condição de linha infra-estrutural, seja em relação à representação anterior atribuída que possui.

Tentativas de composições e enquadramentos entre supra e infra-estruturas dão lugar a um jogo associativo entre pontos [três blocos, três pontos, reticências, *etcetera* - passível de continuação?] e linhas, cujos limites e abrangência parecem ir muito além daquele sugerido pelo inegável marco na paisagem e o “lugar” urbano simbólico originado.

Três blocos sólidos são costurados [implantação em zig-zag] aos “rastros” através de três pontos de contato. Solidarizam-se, mutuamente, em um processo de *superação* de suas representações em direção a uma apresentação por vir quanto às apropriações e re-atribuições possíveis.

O projeto sugere a impossibilidade de sua compreensão a partir do *em-si-mesmo*. Sua condição associativa o coloca em uma posição de *ser-com*, de um poder-ser que vai muito além do ser proposto por Hadid. Ao compor-se com o viaduto, com o metrô e o rio, cria um novo sistema urbano, suplementar em relação aos sistemas anteriores e ao seu próprio ser, a saber, o abrigar/habitar.

Essa nova condição gerada - uma combinação entre “rastros” infra-estruturais [metrovíaria + viaduto/ciclovía + pluvial] e uma supra-estrutura [o complexo habitacional] cria uma situação complementar e suplementar [*parergonal*] ao mesmo tempo. O projeto de Hadid, aparentemente des-necessário naquele cenário, parece tornar-se indispensável à articulação e ao fortalecimento das infra-estruturas que, antes, eram apenas três “rastros” urbanos justapostos, presenças *quase* ausentes. Inversamente, nem presenças nem ausências, esses “rastros” urbanos - as três linhas infra-estruturais - costuram o complexo habitacional ao território, conferindo-lhe urbanidade.

A sobreposição e talvez “de-formação” – condição para outras formações - do viaduto, desenhado por Otto Wagner, torna-se a pré-condição para outras formações ao possibilitar uma *superação* do sentido de ambos. Naquele instante, naquele ponto, o viaduto deixa de ser uma infra-estrutura *quase* ausente, associada apenas à passagem e ligação, para se transformar em um suporte fundamental [vigência vigorosa do rastro] aos três blocos habitacionais, que por sua vez, deixam de ser apenas pontos no território para tornarem-se uma demarcação na distância-passagem pelo viaduto.

Conectado a uma importante estação de trem de Viena [também de nome *spittelau*], o conjunto arquitetônico garante tempos distintos a todos aqueles –principalmente os estudantes- que chegam à estação, provenientes de outras regiões e países e se dirigem ao centro da cidade. Ao mesmo tempo concentração e dispersão [ponto e linha], o dueto arquitetônico [ou seria um saudável duelo?], o *ser-com* formado pelos projetos de Hadid e Wagner proporciona relações de

proximidade/troca [entre os estudantes/moradores e transeuntes urbanos] e irradiação urbana; proxemia e diastemia coexistem em um *momentum* arquitetônico e urbano incomum em uma época de profícua exploração formal e exercício triunfal de objetos autônomos, paradigmáticos em suas condições de encerramento em-si-mesmos.

Talvez a potência ainda por vir deste projeto esteja em sua capacidade de proporcionar mobilização e mobilidade urbanas por configurar-se, ao mesmo tempo, como um pólo catalizador [reforçado por um programa estratégico capaz de gerar cotidianidade] e uma estrutura dissipadora territorial.

O espaço político, da *polis*, torna-se dinâmico nesse promissor processo de fortalecimento de um rastro, ou seriam três? [o viaduto *spittelau*, o metrô e o canal do rio Danúbio] -, quase ausente e desejável “fragilização” do que poderia ser apenas mais uma supra-estrutura imagética. A partir do fortalecimento de rastros, a possibilidade de traços futuros. A partir do ser-com, de um ser-para-além-si-próprio, a possibilidade de ser-em-si-mesmo um outro; nem apenas infra-estrutura, nem apenas super-estrutura, mas um e outro ao mesmo tempo.

Bibliografia

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Mil Platôs- capitalismo e esquizofrenia, vol1, tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Correa. São Paulo: ed 34, 1995

DERRIDA, Jacques. *Psyche – inventions of the other*. Vol II. Translation by Board of Trustees of the Leland Stanford Junior University. Califórnia: Stanford University Press, 2008.

DERRIDA, Jacques. Gramatologia. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: ed Perspectiva, 2004

DERRIDA, Jacques. La Verdad em pintura. Tradução Maria Cecília Gonzáles y Dardo Scavino. Barcelona: Ediciones Paidós, 2001

DERRIDA, Jacques. Margens da Filosofia. Tradução Joaquim Torres Cintra e Antonio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. Multidão, guerra e democracia na era do Império. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

JOSEPH, Isaac. El Transeunte y el espacio urbano. Traducción: Alberto L. Bixio. Barcelona: Gedisa editorial, 2002

MUÑOZ, Francesc. Paisajes banales: bienvenidos a la sociedad del espectáculo. In Metrópolis. Ignasi de Solà-Morales e Xavier Costa (eds.). Barcelona: Gustavo Gili, 2005.